



## **POSSIBILIDADES DO ROMANCE HISTÓRICO: UMA LEITURA DE NÓS, OS DO MAKULUSU**

*POSSIBILITIES OF THE HISTORICAL NOVEL: A READING OF NÓS, OS  
DO MAKULUSU*

*POSIBILIDADES DE LA NOVELA HISTÓRICA: UNA LECTURA DE NÓS,  
OS DO MAKULUSU*

Jacqueline Kaczorowski<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Por meio da leitura de um romance angolano, busca-se investigar como o conceito de romance histórico, proposto por Lukács e atualizado pela crítica posterior, poderia ser produtivo para a compreensão de textos literários compostos no continente africano. As obras literárias produzidas no continente, sujeitas a contextos históricos absolutamente diversos dos focalizados por Lukács, parecem oferecer possibilidades de reinvenção que desafiam os limites de atualização do romance histórico propostos por Perry Anderson e Fredric Jameson.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura e História, Literatura angolana, romance histórico.

### **ABSTRACT**

*Through reading an Angolan novel, this study intends to investigate how the concept of the historical novel, proposed by Lukács, and updated by later literary criticism could be useful to the comprehension of literary texts written in Africa. Literary works produced in the continent submitted to different historical contexts than those targeted by Lukács, seem to offer renovation possibilities that challenge the limits to historical novel updates proposed by Perry Anderson and Fredric Jameson*

**KEYWORDS:** *Literature and History, Angolan Literature, historical novel.*

### **RESUMEN**

*A través de la lectura de una novela angoleña, este estudio pretende investigar cómo el concepto de novela histórica, propuesto por Lukács y actualizado por la crítica literaria posterior, puede ser útil para la comprensión de textos literarios escritos en África. Las obras literarias producidas en el continente, sometidas a contextos históricos distintos a los apuntados por Lukács, parecen ofrecer posibilidades de renovación que desafían los límites de las actualizaciones de la novela histórica propuestas por Perry Anderson y Fredric Jameson.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Literatura e Historia, Literatura angoleña, novela histórica.*

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (FFLCH – USP) sob orientação da profa. Dra. Rita Chaves. E-mail: [jacqueline.k@usp.br](mailto:jacqueline.k@usp.br).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001



Lukács é talvez um dos intelectuais mais reconhecidos por investigar o texto literário em seu profundo enraizamento histórico e social. Seu conhecido conceito de romance histórico, embora alvo de leituras e avaliações controversas, acaba sempre evocado nas discussões que focalizam as complexas relações entre literatura e história.

Se, por um lado, suas definições podem soar demasiadamente prescritivas – algo de que o autor é constantemente acusado –, por outro, seu conceito alargado de realismo, quando subjacente à leitura e interpretação da obra literária mergulhada em seu contexto, impulsiona reflexões significativas. O rendimento dos conceitos e de seus desdobramentos na crítica literária posterior atesta a relevância de um olhar crítico que não cessa de ser retomado e atualizado.

Ainda que a tentativa de enquadramento de determinadas produções literárias segundo classificações elaboradas pela crítica nem sempre seja indispensável para sua compreensão, há momentos em que recorrer a termos já cunhados e examinados amplamente pode auxiliar a elucidar aspectos – se não pela adequação rigorosa da produção à classificação, ao contrário, justamente pelo interesse sempre despertado pelos autores que conseguem transgredir quaisquer tentativas de enquadramento, dada a complexidade de suas obras.

José Luandino Vieira é um dos escritores cuja obra escapa a qualquer tentativa esquemática de compreensão. Parece profícuo, no entanto, utilizar alguns conceitos que, se são evidentemente incapazes de apreender todas as suas dimensões, podem iluminar, por contraste, aspectos relevantes das dissonâncias de sua produção.

Neste sentido, talvez seja útil examinar algumas reflexões de Fredric Jameson e Perry Anderson<sup>2</sup> acerca do conceito lukácsiano de romance histórico para ajudar a compreender como o romance *Nós, os do Makulusu*, do autor angolano, mobiliza elementos capazes de figurar a “compleição histórica interna da colisão das forças sociais que estão na raiz do conflito” (LUKÁCS, 2011, p. 202) do momento de que trata, embora seus procedimentos se afastem da definição clássica do gênero engendrada por Lukács.

Em *O romance histórico*, o intelectual pretende mostrar como “a gênese e o desenvolvimento, a ascensão e o declínio do romance histórico são consequências necessárias das grandes convulsões sociais dos tempos modernos, e provar que seus diferentes problemas formais são reflexos<sup>3</sup> dessas convulsões histórico-sociais” (LUKÁCS, 2011, p. 31). Assim, trata do problema da historicidade compreendido como interno ao romance – antecipando a defesa do realismo<sup>4</sup> na arte que desenvolveria posteriormente,

---

2 Ambos em textos publicados na Revista *Novos estudos – CEBRAP*, número 77, publicada em 2007. Os dois textos dialogam explicitamente entre si, sendo o texto de Perry Anderson (2007) uma resposta ao texto de Fredric Jameson (2007).

3 Infelizmente o limite deste trabalho não permite adentrar a discussão acerca do uso da palavra “reflexo” (muito criticada no campo da teoria literária) e suas decorrências – incluindo algumas que consideram que esta provavelmente não seria a melhor tradução para a ideia trabalhada pelo teórico.

4 Refere-se, novamente, ao realismo como conceito lukácsiano, lente crítica que poderia ser utilizada na interpretação de qualquer obra de arte, não tendo relação, portanto, com o uso da palavra em classificações ou cronologias de “movimentos literários” ou afins.

em outras obras –, possibilidade aberta pelo momento histórico pós-Revolução Francesa que, para o húngaro, é um evento que reorganiza o tempo em redor de si e torna a história uma “experiência das massas” (2011, p. 18), uma vez que possibilita que os seres humanos passem a se ver como sujeitos da história,

em uma experiência sem precedentes de reconhecimento das multidões, nomeada [...] “sentimento histórico”. O que significa não só a percepção de que os destinos individuais estavam conectados com o universal, mas, sobretudo, a demanda por uma nova compreensão da história nacional e de suas correlações com o movimento internacional, isto é, com a história universal. (2011, p. 18)

O surgimento de uma forma artística que “reconhece e interioriza essa mobilidade, pondo as questões em perspectiva histórica, isto é, na perspectiva do devir que ela comporta” (2011, p. 18), corresponde, portanto, a este contexto histórico em que “contemplação da experiência e produção de sentido se entrecruzam” (2011, p. 18). Segundo o autor, na figuração, portanto, “a necessidade histórica é sempre um resultado, não um pressuposto; ela é, de modo figurado, a atmosfera trágica do período, e não o objeto das reflexões do escritor” (2011, p. 79).

Jameson e Anderson, em seus textos, dialogam vivamente com a herança lukácsiana, buscando atualizá-la para a tornar operacional na compreensão de produções literárias contemporâneas. A crítica literária materialista à qual se filiam, produzida no centro, embora possua ferramentas interpretativas muito valiosas e busque também olhar para as periferias do sistema, parece desconhecer o potencial do continente africano como *lócus* efetivamente produtor de literatura,<sup>5</sup> o que faz com que sejam perdidas preciosas oportunidades de desafiar a interpretação com realidades menos acomodadas à lógica com que usualmente se trabalha. Vale, a título de exemplo, ressaltar a seguinte passagem do texto de Perry Anderson, em que, ao “passar” pelo mundo em busca das origens das “formas pós-modernas do romance histórico”, o continente africano não é sequer mencionado pelo autor:<sup>6</sup>

---

5 De grande literatura, vale dizer. Correndo o risco de incorrer em erro por desconhecimento, julgo importante mencionar que, até o presente momento, não conheço textos dos autores que tratem profundamente de alguma obra literária africana, mesmo a produzida em língua inglesa. Aijaz Ahmad, em “A retórica da alteridade de Jameson e a ‘alegoria nacional’” (In: *Novos Estudos*, n. 22. CEBRAP, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, Rio de Janeiro: Outubro de 1988, p. 157-181, texto que depois integrará, como capítulo, o livro *Linhagens do Presente*) critica o teórico que também admite admirar mostrando o quanto “até mesmo sua leitura maravilhosamente erudita de Lu Xun e Ousmane” (p. 157) é problemática por integrar sua teoria da “Literatura do Terceiro Mundo” (*Ibid.*), que o colocaria, em última instância, na posição de “outro civilizador” (p. 158) de Ahmad. A análise parece ainda mais problemática, grifo nosso, quando Ousmane é o único exemplar literário de todo o continente africano abordado por Jameson. Quanto a Perry Anderson, embora trate da colonização portuguesa na África em *Portugal e o fim do ultracolonialismo*, desconheço trabalhos do crítico especificamente voltados à literatura produzida no continente.

6 Embora haja um momento no texto em que é mencionado um autor egípcio, ele é apresentado como uma espécie de exceção, um autor “isolado” pela língua árabe que com “a *Trilogia do Cairo* se tornou um escritor de romances históricos tal como Lukács os havia concebido” (ANDERSON, 2007, p. 216).

Certamente, se fizermos uma lista de chamada de todos os romancistas contemporâneos que de um modo ou outro contribuíram para a nova explosão de passados inventados, ela iria se estender por todo o mundo, da América do Norte à Europa, Rússia, Ásia, Japão, Caribe e América Latina. Nesse sentido, tais formas se tornaram tão globais quanto o próprio pós-modernismo. (...) (ANDERSON, 2007, p. 217)

Se os autores tivessem contato com obras produzidas por escritores africanos, talvez algumas das suas conclusões acerca das possibilidades do romance histórico – e do próprio conceito amplo de realismo lukácsiano – na contemporaneidade fossem abaladas (e, quem sabe, ampliadas). Ao conhecer escritores que, frutos de situações históricas extremas, souberam figurá-las de maneiras inovadoras na escrita, esgarçando os limites do romance – e não apenas do romance histórico –, os críticos certamente seriam levados a investigar as formas arrojadas com que seus textos trabalham profunda e intensamente a matéria histórica.

Outro aspecto relevante que poderia chamar a atenção dos críticos é a forma como o colonialismo, em África, aparece como realidade histórica central e inescapável, permeando a maioria das obras produzidas no continente, direta ou indiretamente. A inevitabilidade do assunto, por um lado, e a diversidade de tratamentos dados a ele, por outro, são aspectos interessantes a serem longamente estudados<sup>7</sup> e que, certamente, possibilitariam reflexões capazes de abalar algumas das estruturas acomodadas da crítica literária produzida nos centros – onde raramente é tocada a fundo a questão fundamental do colonialismo.<sup>8</sup> Mesmo o romance histórico poderia ser criticado neste sentido, ainda que seja tão “consistentemente político”, como quer Anderson (2007, p. 205).

Voltando ao romance angolano e iniciando o percurso da reflexão pelo texto de Fredric Jameson, ao colocá-los em diálogo é possível identificar rapidamente alguns elementos que *Nós, os do Makulusu* tem em comum com os apontamentos acerca das possibilidades do romance histórico. Se, logo no início do texto, o teórico aponta Scott não como precursor do romance histórico, mas, sim, como criador do drama de costumes, dada a presença “do dualismo ético do bem e do mal” (JAMESON, 2007, p. 186) em seus textos,<sup>9</sup> é possível aproximar o romance de Luandino Vieira das características valorizadas por Jameson justamente pelo aspecto mais marcante que o texto apresenta: a ausência de maniqueísmo. Embora o escritor explicita sua adesão radical à luta contra o colonialismo que oprime seu país, não deixa, no entanto, de oferecer um olhar humanizado ao

---

7 Algo que já vem sendo feito há anos pela crítica brasileira que se debruça sobre o assunto, bem como a de outros tantos espaços. Refere-se, aqui, especificamente à possibilidade de estudo aprofundado pelos autores mencionados, o que certamente produziria reflexões interessantes (e, quem sabe, poderia fazê-los refletir mais também a respeito da posição central que, queiram ou não, ocupam).

8 Para um exemplo de trabalho que desafia o olhar ao analisar mesmo obras consideradas “do lado dos africanos”, como a canônica obra de Conrad, consultar ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o protetorado britânico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

9 Vale enfatizar que, para Jameson, o mérito do romance histórico está justamente em sua capacidade de remover o dualismo ético do conflito histórico, ao encená-lo em sua complexidade.

outro e, ao contrário do que faz Tolstói ao apequenar o invasor francês,<sup>10</sup> representa o inimigo de modo muito sério e igualmente complexo, sendo capaz de eleger como “o melhor de todos nós” (VIEIRA, 2004, p. 09) uma personagem que entra na luta ao lado do opressor.

Luandino Vieira, ao olhar para o contexto de que trata – a situação colonial (BALANDIER, 1993), algo que, da perspectiva europeia, quando enfocado, será sempre de modo diferente – tem clareza de que está diante de uma situação inconciliável e inescapável. Praticamente todos<sup>11</sup> são, em alguma medida, vítimas do sistema colonial, pois não há como não o ser: como fato social total,<sup>12</sup> o colonialismo abarca tudo e todos, de modo inevitavelmente violento, até o momento em que a situação se torne insustentável. Chegado este momento, não há outra saída: o colonizado precisa se armar e, através da violência de resposta contra o colonizador, como aponta Fanon,<sup>13</sup> libertar-se, ao mesmo tempo em que, ao fazer ruir o sistema colonial, devolve humanidade também ao seu opressor. A encenação desta violenta contradição histórica atravessa o texto de Luandino Vieira, muitas vezes de modo tocante:

Mãe: tu és uma colona, ouviste? Uma colona, é assim que tu és. Colonialista, colono. Como é te vou poder fazer aceitar a verdade e a mentira que não podem se separar assim à toa enquanto a gente não soubermos tudo, como vou te explicar (...) que sim, matar-te-ão, matar-me-ão e vão dizer com justiça: era uma boa branca, era um bom branco? O bem que tu fazes, mãe, as sopas

---

10 A este respeito, diz Perry Anderson: “Tolstói, com efeito, não faz nenhuma tentativa séria de *representar o invasor francês*, antes procurando apagá-lo por meio de expedientes de apequenamento que vão de uma caricatura simplista de Napoleão até asseverações prolixas de que a própria expedição da Grande Armée não passava de um empreendimento sem sentido. O resultado de uma visão tão unilateral leva o romance inevitavelmente para a vizinhança do panfleto chauvinista, em que o inimigo permanece completamente abstrato, longe da figuração concreta de duas forças históricas em luta. É em parte por essa razão que Guerra e paz, embora seja indubitavelmente — a despeito das negativas do próprio Tolstói — um romance histórico, ambientado em um período anterior à vida do autor, raramente é considerado como tal hoje em dia.” (ANDERSON, 2007, p. 209-210.)

11 Lembrando Memmi, excetuam-se aqui aqueles que tiram grande proveito da situação colonial e que, em geral, estão em posição privilegiada mesmo em relação aos colonos pobres. Estes integrariam o grupo do “colonizador que se aceita”, segundo Memmi, categoria que ele denomina “colonialista”: “O colonialista não é, em suma, senão o colonizador que se aceita como colonizador. Que, em consequência, explicitando sua situação, procura legitimar a colonização.” (MEMMI, 1989, p. 51-52). Mesmo o colonialista, no entanto, chegado o momento de desmoronamento do sistema colonial, torna-se também vítima dele, embora de maneira totalmente diversa: a mesma realidade que sustentou sua posição durante tanto tempo é aquela que pode levá-lo a ser morto pelos colonizados em busca de liberdade.

12 O conceito é utilizado, aqui, conforme apropriado por Balandier na formulação de seu referido conceito de situação colonial (que toma de empréstimo o conceito construído por Mauss, segundo quem o fato social total representaria o próprio sistema social em funcionamento, expressando o conjunto das relações; a dimensão social total que une os atores sociais no interior de uma sociedade. In: MAUSS, Marcel. “Introdução”. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 23).

13 Em *Os condenados da terra*, o autor afirma: “Para o colonizado, essa violência representa a práxis absoluta. Por isso o militante é aquele que trabalha. [...] Trabalhar significa trabalhar para a morte do colono. A violência assumida permite ao mesmo tempo que os extraviados e proscritos do grupo voltem, reencontrem seu lugar e se reintegrem. A violência é, dessa maneira, compreendida como a mediação régia. O homem colonizado liberta-se na e pela violência.” (FANON, 1968, p. 66.)

que dás, as esmolas que dás, os serviços que dás, os matabichos que dás, é o mal, é o pior mal: fazer bem sem olhar quem, tu vives de frases feitas no teu bom senso de camponesa que és ainda e esse bom senso é muito perigoso. Fazer o bem sem olhar a quem é diminuir, é insultar – primeiro é preciso que reconheças esse a quem como alguém que não quer o teu bem, quer outro bem (...)

Tu és uma colona, mãe, é assim que te respondo calado, vi as tuas mãos calosas remexer no rosário. Uma colona; um alguém que ocupa um outrem, indevidamente dizem, e acertam e erram; por causa da tua presença alguém não tem presença, és causa de mortes diárias e seculares injustiças. Mas olha, mãe! Com bolchevismo, como o teu bom senso me acusa, ou sem ele, como o meu sorriso te convence, não embarco assim lá muito nisso, sabes? Por isso que sorrio: por tua causa, mortes diárias e injustiças seculares? Mortes diárias e injustiças seculares, sim. Mas não sei, não conheço a tua conta no Banco, só que desconfio e rio...

Sabes, mãe: és uma colona; ocupas um lugar que outrem não pode ocupar e tudo isso é a pura verdade – mas não será esta lei só lei de física? – mas desconfio, mãezinha, que és como tens sido sempre desde que vais começar apanhar azeitona dentro de Invernos frios e descalços da tua infância, um bode expiatório. Mas se não existisses e contigo outros e outras e outros e eu, como ia ser então que uns tivessem lugar que outro alheio não vai poder ocupar? (VIEIRA, 2004, p. 50-51)

A dura delicadeza da passagem em destaque demonstra a habilidade de confrontar o leitor com sínteses que exemplificam a inescapabilidade das situações. Ao mesmo tempo em que evidencia que todos são vítimas potenciais de um sistema complexo e violento, não deixa de marcar as posições: está muito claro quem oprime quem nesta correlação de forças que, no entanto, não é apresentada de maneira polarizada, escapando sempre ao simplismo dualista. Todos estão enredados em um contexto agudamente tensionado, extremamente violento, que atravessa e fragmenta vidas; que torna mesmo a melhor das intenções da mãe, uma personagem também oprimida por diversas forças, um fator de opressão e humilhação dos negros de quem toma o lugar, ainda que não pretenda fazê-lo.

Atentando a este mesmo excerto, é possível notar que, embora trate de um aspecto individual da vida da personagem – é um diálogo hipotético com a mãe, em um momento privado, familiar, pertencendo ao âmbito “existencial ou individual” (JAMESON, 2007, p. 192), portanto –, a história está presente de modo estruturante, não só compondo um cenário por onde as personagens transitam, mas integrando também a própria subjetividade dessas personagens, constituída e estilhaçada pelos fatores sócio-históricos em conflito.<sup>14</sup>

---

14 Para um estudo aprofundado sobre a composição das personagens em *Nós, os do Makulusu*, consultar VEIGA, Luiz Maria. *Retratos do colono, do colonizador, do cidadão: a representação literária da minoria branca em Nós, os do Makulusu e em outras narrativas angolanas*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010, principalmente a partir da p. 68.

Vale lembrar novamente Fanon, quando aborda a existência de um número muito elevado de hospitais psiquiátricos nos países colonizados e, a este respeito, afirma:

Em diversos trabalhos científicos temos, desde 1954, chamado a atenção dos psiquiatras franceses e internacionais para a dificuldade que havia de “curar” corretamente um colonizado, isto é, de o tornar homogêneo de parte a parte com um meio social de tipo colonial.

Por ser uma negação sistematizada do outro, uma decisão furiosa de recusar ao outro qualquer atributo de humanidade, o colonialismo compele o povo dominado a se interrogar constantemente: “Quem sou eu na realidade?”

As posições defensivas nascidas deste confronto violento do colonizado e do sistema colonial organizam-se numa estrutura que revela então a personalidade colonizada. Para compreender essa ‘sensitividade’ basta simplesmente estudar, apreciar o número e a profundidade das feridas causadas a um colonizado no decorrer de um único dia passado no seio do regime colonial. (...)

No período de colonização não contestada pela luta armada, quando a soma de excitações nocivas ultrapassa um certo limite, as posições defensivas dos colonizados desmoronam, e estes últimos se veem então em grande número nos hospitais psiquiátricos. Há, portanto, nesse período calmo de colonização vitoriosa uma regular e importante patologia mental produzida diretamente pela opressão. (FANON, 1968, p. 212).

Se a situação colonial, com toda a sua carga de violência atmosférica (CHAVES; CABAÇO, 2004), atravessa as personalidades tão fortemente ao ponto de provocar o que a psiquiatria clínica chama de “psicoses reacionais” (FANON, 1968, p. 213), é impossível afirmar que, mesmo naqueles em que não chega a ser manifesto um quadro clínico, não haja influências que cheguem ao nível da constituição subjetiva. A representação desses fatores no interior das personalidades está muito bem posta em cena na ficção elaborada por Luandino Vieira.

É possível perceber no excerto ficcional, ainda, o trabalho com a linguagem e o fluxo de consciência que constituem o discurso deste narrador-personagem. O uso desses procedimentos (dos mais refinados produzidos pela estética modernista), que, segundo Jameson, impossibilitaria a existência de um romance histórico na pós-modernidade,<sup>15</sup> são trabalhados exatamente no sentido oposto àquele proposto pelo teórico, uma vez que o texto de Luandino Vieira contraria a seguinte afirmação de modo criativo:

Nossa questão, portanto, diz respeito à possibilidade de uma forma de romance histórico propriamente modernista, e aqui proponho um paradoxo: não poderia haver semelhante forma. Haveria muitas maneiras de sustentar essa afirmação

---

15 Retoma-se aqui o termo no sentido em que é utilizado pelos críticos em seus dois textos. Sempre que o termo aparecer, é com esta filiação teórica.

tão perversa, mas esboçarei apenas uma: a primazia que o modernismo confere à percepção pura acaba por privá-lo de qualquer possibilidade de discernir aquela outra dimensão, do público ou da história, que se requer para o registro daquela interseção peculiar que constitui a estrutura inconfundível do romance histórico. (JAMESON, 2007, p. 200)

Luandino Vieira, ainda que dando primazia à percepção em seu texto, deixa tão explícitos os fatores externos que atravessam e dialeticamente determinam as percepções literariamente construídas que é impossível afirmar que, em seu texto, o leitor seja privado de “qualquer possibilidade” de discernir a dimensão da história. Mesmo que o discurso ficcional seja constituído como o fluxo fragmentário e turbulento da memória<sup>16</sup> de Mais-Velho, esta memória é acionada por um fato que, sendo muito pessoal, é também histórico – a morte de um soldado inserido em determinada guerra – e, ainda, mobiliza uma memória coletiva, no texto claramente expressa pela presença de diversas vozes que, se são mediadas pela interioridade de Mais-Velho, a ele também se contrapõem.

É possível afirmar, portanto, que a percepção de Mais-Velho, funcionando como mediadora das relações entre os interiores e o contexto turbulento em que estão inevitavelmente enredadas as personagens e condensando visões diversas e contraditórias, afasta o romance de um relato memorialístico individual e unívoco. As subjetividades textualmente compostas pelo autor contêm em si, intrinsecamente, tensões coletivas do momento histórico vivido, além de um profundo senso de passagem do tempo, ainda que sintetizado no curso das poucas horas de ação real do romance. Por mais episódicos que sejam os momentos evocados pela memória de Mais-Velho, estão claramente inseridos no curso histórico (inclusive com a marcação de datas) e, assim, permitem que o leitor apreenda a série histórica, ainda que de modo não-linear.

Quanto à falta de linearidade do romance, vale ainda apontar que, se o fluxo temporal, aqui, aparece fragmentado e misturado, é menos porque o texto esteja alinhado às propostas desistoricizantes da “virada pós-moderna” (ANDERSON, 2007, p. 216) do que porque busque encenar intensamente a complexidade da vivência do tempo no interior da própria vida, feita de interseções entre os planos público e individual, inserida no curso do tempo histórico, mas também subjetivamente carregada de hesitações, dúvidas, agudas contradições, que se apresentam de modo complexo, por vezes turbulento e desordenado.

Anderson, ao afirmar que a “virada pós-moderna” atravessou as artes, embora considere haver possíveis diferenças entre elas, enxerga que há um núcleo comum típico no *revival* que, no caso da literatura, tem na reorganização da ficção em torno do passado sua mudança mais

---

16 Lembrando que, como define Halbwachs (2006), toda memória é social, posto que é necessariamente construída e mantida a partir de relações sociais.

notável. Em diálogo com a famosa definição de pós-modernismo, cunhada por Jameson, como o regime estético de uma época que tinha se esquecido de como pensar historicamente, Anderson afirma que a ressurreição do romance histórico não é, no entanto, paradoxal, uma vez que, agora, todas as regras do cânone clássico tendem a ser desprezadas e invertidas. Ao se perguntar sobre a origem dessas formas, o crítico afirma:

Em uma passagem esplêndida, Jameson especula sobre a função de suas “exageradas invenções de um passado (e de um futuro) fabuloso ou irreal”, que “sacodem o nosso extinto senso da história, perturbam a inanidade de nossa historicidade temporal e tentam convulsivamente reanimar o adormecido senso existencial do tempo com o potente remédio da mentira e das fábulas impossíveis, com o eletrochoque de repetidas doses do irreal e do inacreditável”. Essa é uma sugestão poderosa. Mas ela levanta a questão de seu pronome possessivo. *Quem é o “nós” dessa perda de temporalidade, daquela extinção do senso da história que é a nossa? As formas pós-modernas do romance histórico são efetivamente universais hoje em dia?* (ANDERSON, 2007, p. 216-217, grifo nosso).

A passagem sintetiza algumas ideias centrais do artigo e, a seu respeito, vale ainda reforçar a importância das perguntas finais em destaque – esse “nós” abrangeria o continente africano? Provavelmente não, dado que a experiência histórica diversa por que passou o continente produziu respostas que destoam da “extinção do senso da história”: os colonizados precisaram muito recentemente se apropriar do discurso histórico, até então de posse dos colonizadores, e, compreendendo a força dessa arma, subvertê-la, tensioná-la, explorar todos os seus limites. Talvez pelo contexto em que esse tipo de necessidade se apresentou, há tão pouco tempo, o senso histórico dos autores africanos parece presente em toda sua força, produzindo experiências literárias as mais diversas, todas atravessadas pela história, em maior ou menor medida – algumas delas, portanto, capazes de reinventar entrelaçamentos em que se realiza a “interseção peculiar que constitui a estrutura inconfundível do romance histórico” (JAMESON, 2007, p. 200) partindo de novos eventos capazes de reorganizar o tempo em redor de si e acender novamente o “sentimento histórico” (LUKÁCS, 2011, p. 48).

Ainda tratando do tempo, Jameson retoma conceitos de Paul Ricoeur a respeito do tempo na narrativa e extrai, como importante para seu raciocínio, a ideia de que o calendário funcionaria como mediador entre o tempo individual (ou existencial) e o tempo histórico (ou do plano público). Para ele, o fundamental é perceber a existência de um evento – no caso do nosso calendário corrente, o nascimento de Cristo – que reorganiza o tempo em redor de si mesmo e torna possível situarmos nossa própria existência no quadro da história coletiva. A forma narrativa deste evento primordial deve estar presente ou ser recriada no romance histórico e, ainda, figurar textualmente na qualidade de uma “irrupção coletiva” (JAMESON, 2007, p. 191)

que “deve, de algum modo, estar presente em carne e osso e, pela multiplicidade mesma de seus participantes representar alegoricamente aquilo que transcende a existência individual” (JAMESON, 2007, p. 191).

Pensando na narrativa de Luandino Vieira, seria possível elencar como evento primordial, que desencadeia toda a narrativa, a morte de Maninho, presente na primeira página do romance. Mais-Velho, no momento em que começa seu devaneio a caminho do cemitério, começa também a situar esta morte no quadro da história angolana:

Simples, simples como assim um tiro: era alferes, levou um balázio, andava na guerra e deitou a vida no chão, o sangue bebeu. E nem foi em combate como ele queria. Chorou por isso, tenho certeza, por morrer assim, um tiro de emboscada e de borco, como é que ele falava?: «Galinha na engorda feliz, não sabe que há domingo.» Como uma galinha, kala sanji, uatobo kala sanji... Tinha a mania dos heróis, pensava era capitão-mor e era eu o culpado, deixara ler *As Guerras* do Cadornega para ver se ele aprendia e então me ensinou e devia de estar agora no lugar dele porque ele era o melhor de todos nós, aquele a quem se estendiam os tapetes da vida. (VIEIRA, 2004, p. 09)

O autor logra, mesmo ao apresentar um evento aparentemente isolado, pessoal, individual – a morte de um irmão –, ao enquadrá-lo no fluxo do tempo histórico a que estão todos submetidos, evocar todo o evento coletivo do qual este episódio faz parte – a guerra, para uns de libertação, para outros, entre os quais estava Maninho, “guerra de África” ou “colonial”.

A guerra, que adentra o texto já na primeira sentença com toda sua brutalidade (CHAVES, 1999, p. 173), “simples como assim um tiro”, é elemento estruturante de toda a composição textual, com seu potencial violento de desagregação e estilhaçamento não só da realidade, como também da psique das personagens (como já apontado anteriormente, na esteira de Fanon). Deste modo, o texto, embora não apresente explicitamente a “irrupção coletiva” (JAMESON, 2007, p. 191) senão por meio das existências das personagens, transcende suas existências individuais e, assim, reinventa exatamente a “interseção” valorizada pelo crítico:

o romance histórico não deve mostrar nem existências individuais, nem acontecimentos históricos, mas a interseção de ambos: o evento precisa trespassar e transfixar de um só golpe o tempo existencial dos indivíduos e seus destinos.

(...)

A arte do romance histórico não consiste na vívida representação de nenhum desses aspectos [existencial ou público] em um ou em outro plano, *mas antes na habilidade e engenhosidade com que a sua interseção é configurada e exprimida; e isso não é uma técnica nem uma forma, mas uma invenção singular, que precisa ser produzida de modo novo e inesperado em cada caso e que no mais das vezes não é passível de ser repetida.* (JAMESON, 2007, p. 192, grifo nosso)

Conforme a breve explanação buscou mostrar, Luandino Vieira utiliza diversos recursos textuais que parecem capazes de compor justamente aquilo a que Jameson chamaria uma “invenção singular” (2007, p. 192), inesperada e de alto grau de elaboração estética. A guerra aparece como evento capaz de “trespassar e transfixar de um só golpe o tempo existencial dos indivíduos e seus destinos” (2007, p. 192), atravessando a própria constituição das subjetividades. A situação histórica angolana, desta maneira, parece ter impulsionado trabalhos de escritores como Vieira e, dada sua diversidade em relação às trajetórias europeias usualmente utilizadas como paradigmas, favorecer a elaboração de novas formas ficcionais que reinventam entrelaçamentos entre literatura e história.

Assim, se o objetivo inicial da investigação não foi o de enquadrar a produção de Luandino Vieira nas categorias de definição do romance histórico, ao contrastar sua composição com as características formais que definem o gênero, no entanto, foi possível perceber como, aliando um profundo senso de historicidade à inovação formal, Luandino Vieira foi capaz não só de produzir um grande romance, mas também uma obra que parece apontar para um possível futuro do gênero, no sentido em que falam Jameson e Anderson, respectivamente, na conclusão de seus textos:

Contudo, podemos estar certos de que, por mais longo que seja o curso percorrido, o nosso tempo não é nem o do fim da história, nem o do fim da política e nem mesmo o do fim da arte, e de que no que toca ao romance histórico a necessidade irá produzir mais invenção, de modo que insuspeitadas novas formas do gênero inevitavelmente irão abrir seus caminhos. (JAMESON, 2007, p. 202 – 203)

O persistente pano de fundo da ficção histórica do período pós-moderno está nos antípodas de suas formas clássicas. (...) Mas se não olharmos apenas as fontes e os temas dessa literatura, mas também as suas formas, Jameson sugere que deveríamos reverter o julgamento. O *revival* pós-moderno, ao jogar a verossimilhança ao vento, fabricando períodos e verossimilhanças intoleráveis, deveria ser visto antes como uma tentativa desesperada de nos acordar para a história, em um tempo em que morreu qualquer senso real dela. E no entanto, pergunta Jameson, essas circunstâncias não fazem que a conexão lukacsiana entre grandes acontecimentos sociais e o destino existencial dos indivíduos permaneça caracteristicamente inalcançável? Benjamin, que detestava a idéia de progresso nutrida pelo historicismo do século XIX — a perspectiva que está por trás da maior parte do romance histórico clássico —, não se teria surpreendido, nem sentiria desapontamento. Ele usava outra imagem ainda do despertar. O anjo da história está se distanciando de algo em que fixa a vista. “Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos”.<sup>17</sup> Parte do impulso do romance histórico contemporâneo pode também estar aqui. (ANDERSON, 2007, p. 219 – 220)

---

17 Em Walter Benjamin, *Obras escolhidas*, I, (Brasiliense, 3ª edição), p. 226. (Citação presente, desta forma, no texto original de Anderson).

A tarefa crítica que resta é a de continuar se debruçando cada vez mais sobre a vasta produção literária africana para, investigando cada vez mais profundamente seus textos e contextos, descobrir, quem sabe, como a aguda consciência da “devastação do império” (ANDERSON, 2007, p. 219), sentida na pele por quem viveu suas mais extremas consequências, foi capaz de produzir um “sentimento histórico” (LUKÁCS, 2011, p. 48) diverso e, assim, favorecer o surgimento de sínteses literárias capazes de apontar para a reinvenção do próprio gênero romance no continente africano – o que, afinal, ao renovar o olhar lançado às artes, reinventa também os olhares possíveis lançados à nossa história comum.

## REFERÊNCIAS

- AHMAD, Aijaz. **Linhagens do presente: ensaios**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- ANDERSON, Perry. “Trajetos de uma forma literária”. **Novos estudos**. São Paulo: CEBRAP, n. 77, março de 2007, p. 205-220. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000100010>>.
- BALANDIER, Georges. “A Noção de Situação Colonial”. In: **Cadernos de Campo, ano III, n° 3. Antropologia-USP, São Paulo, 1993**. DOI : <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v3i3p107-131>>.
- CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano: entre intenções e gestos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Coleção Via Atlântica, v. 1, 1999.
- CHAVES, Rita; CABAÇO, José Luís. “Frantz Fanon: colonialismo, violência e identidade cultural”. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **Margens da cultura: mestiçagens, hibridismo e outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- JAMESON, Fredric. “O romance histórico ainda é possível?”. **Novos estudos**. São Paulo: CEBRAP, n. 77, março de 2007, p. 185-203. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000100009>>.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

VIEIRA, José Luandino. **Nós, os do Makulusu**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.